

são conhecidos e brilhantes, Julião Machado, Artur Lucas, Raul, Plácido Isasi, Amaro Amaral; sua tiragem continua crescendo, é extraordinária para a época, com 62 000 exemplares diários; faz, no início do século, violenta campanha contra os métodos usados pela polícia; publica, em 1902, o primeiro romance policial em quadrinhos, ilustrado por Julião Machado; em 1903, instala luz elétrica na redação e com energia elétrica movimenta a sua rotativa; tem oito páginas, apóia Pereira Passos, tira um vespertino: é uma potência, exemplo da empresa jornalística que passará a ser normal na imprensa do país, a das capitais, naturalmente, a grande imprensa.

Havia, também, os vespertinos: o de maior tiragem era *A Notícia*, dirigida por Manuel Jorge de Oliveira Rocha, o Rochinha, também com redação na rua do Ouvidor, no número 123; era, no início do século, quase alheia à política, informando mais do que opinando; Henrique Blatter era o secretário, logo substituído por Álvares de Azevedo Sobrinho e, depois, por Dermerval da Fonseca; na redação trabalhavam Cesário Alvim Filho, Castelar de Carvalho, Nicolau Cîncio; os colaboradores mais conhecidos como Olavo Bilac, Emílio de Menezes, Pedro Rabelo, Vieira Fazenda, Luís Murat, Agenor de Roure, Artur Azevedo; Medeiros e Albuquerque fazia a crítica literária; a gerência estava entregue a Salvador Santos. Outro vespertino era a *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio, a quem ajudavam Batista Coelho e Henrique Cîncio; estava próxima do fim, pois desapareceria em 1902; tornara-se exemplo vivo e contrastante da velha imprensa, não tinha estrutura de empresa, capengava ao sabor das circunstâncias, vitalizada apenas, e já insuficiente e inadequadamente pelo prestígio da pena de seu diretor e proprietário, figura superada também: "Escreve muito bem, escreve como ora, com fluência e com lustre. Polemista vibrante, freqüenta, no entanto, a escola de Camilo. É por isso insolente, brutal e muito desbocado. Molhada em lama, a sua pena resplandece. Cultua a técnica do desaforo, abusa da chalaça e do calão. Tem platéia, porém, para tudo isso. (...) No começo do século, porém, José do Patrocínio é bem outro José do Patrocínio, é o triste desmoronar de uma grande inteligência. (...) A *Cidade do Rio* vive como sempre viveu o seu proprietário — dos caprichos da sorte, *a la bonne fortune de pot*. . . Quando chega o dinheiro, em geral com uma bem grande irregularidade, enche-se a redação de gente, porque, então, José do Patrocínio, mãos abertas, paga a todos e paga muito bem. Não se conhece, aí, criatura mais franca, mais generosa. É o momento das grandes reportagens, dos grandes e belos artigos assinados. . . O contrário dá-se, sempre, quando falta dinheiro. A folha míngua. A matéria escasseia. A redação esvazia-se, embora com a crise de dinheiro não haja crise de gra-